ICCA
INSTITUTO CULTURAL E CIENTÍFICO DO ARQUIPÉLAGO DE FERNANDO DE NORONHA

INFORME 003

29 de janeiro de 1988

RISCOS GRAVES LIGADOS À INTRODUÇÃO DE PLANTAS OU ANIMAIS EM FERNANDO DE NORONHA

Evaristo Eduardo de Miranda *

Ao contrário do que muitos imaginam, a flora e a fauna de Fernando de Noronha são bastante pobres e não apresentam - lástima - a apregoada riqueza que frequentemente lhe é atribuída. A distância no Atlântico, o isolamento do continente mais próximo em termos de correntes marítimas e ventos dominantes, a pequena extensão territorial do Arquipélago, a relativa homogeneidade de sua configuração geomorfológica, o clima semi-árido reinante e inclusive a presença, historicamente devastadora, das atividades humanas, estão entre as principais causas dessa pobreza faunística e florística. Este fenômeno é característico dos ambientes insulares, mas mesmo comparado a outros arquipélagos em situações mais ou menos análogas, Fernando de Noronha é biologicamente mais pobre.

O outro lado desse fenômeno se traduz na existência de um número elevado de endemismos - espécies que só existem no mundo em Fernando de Noronha - e num funcionamento dos ecossistemas locais bastante particular.

Chocados pela ausência de urubus, papagaios, cobras, canários, coatis, curiós e outros animais, várias pessoas desavisadas tentaram introduzir sem sucesso essas espécies no Território. Outras introduções, voluntárias ou não, tiveram sucesso. Foi o caso dos mocós, ratos, gatos, lagartixas, cachorros, coelhos, abelhas, etc. A chegada dessas novas populações teve sempre um impacto ecológico específico. Ele foi mínimo, aparentemente, no caso do mocó, que ocupa um nicho ecológico muito particular. Ele foi grave no caso do lagarto teju, introduzido teoricamente para combater os ratos, mas que na prática se tornou - junto com os gatos e os ratos - um grande predador de ovos e filhotes das aves que nidificam em Fernando de Noronha. Grande responsável pela redução dos efetivos das populações de aves que nidificam no solo na Ilha Principal, esse enorme lagarto foi introduzido recentemente na Ilha Rata, onde já está realizando sua ação devastadora.

---

* Doutor em Ecologia, Presidente do ICCA

No tocante à vegetação, o problema é análogo porém mais abrangente. Ao longo de séculos os homens introduziram também, voluntariamente ou não, um grande número de plantas cultivadas, daninhas, ornamentais, ruderais e sub-selvagens. Algumas subsistem somente ao nível de indivíduos e estão desaparecendo. É o caso de várias fruteiras, palmeiras (imperial, macaúba, dendê, babaçu), pinheiros, bambus, etc. Outras proliferaram e vão se estendendo pela ilha gerando problemas como no caso da tiririca ("alho") ou das jitiranas. Algumas trazem benefícios, como por exemplo a leucena ("linhaça").

Globalmente, a maioria dos impactos ambientais causados pela introdução de plantas e animais no Território ainda é desconhecido. Mas o impacto negativo, que pode ser avaliado de forma inequívoca, é o causado pela introdução de pragas e doenças outrora inexistentes. Indene de numerosos vírus, bactérias, nematóides, fungos, ácaros e insetos que antes só afligiam a agropecuária do continente, Fernando de Noronha funcionou durante muitos anos como Quarentenário para o Ministério da Agricultura. Várias raças de animais entre zebus, porcos, ovelhas e cabras foram introduzidas sem problemas para o Brasil após o devido período de quarentena no Território.

Nos últimos anos, com a intensificação das relações com o continente e o aumento do fluxo de visitantes e mercadorias importadas - devido ao declínio da produção agrícola local - o número de pragas e doenças aumentou. A pobreza em espécies e a simplicidade dos ecossistemas locais faz com que não existam mecanismos naturais capazes de controlar esses novos "invasores". Assim, sem controle biológico, nem inimigos naturais, pragas e doenças proliferam de tal forma que comprometem a produção, e em muitos casos, até a existência de numerosas plantas. É o caso das várias cochonilhas, da mosca branca e de vários fungos que estão dizimando árvores ornamentais e frutíferas como o cajueiro, as laranjeiras, os limoeiros, etc... Os agricultores mais antigos confirmam que muitas dessas doenças e pragas não existiam até alguns anos atrás. Mesmo durante o ano de 1987 assistiu-se a chegada de uma nova praga, um percevejo pentatomídeo do tomateiro. Todavia muitas doenças e pragas do continente ainda não chegaram a Noronha no que pesem as imprudências cometidas no passado.

Um levantamento preliminar realizado pelo CNPDA/EMBRAPA detectou cerca de 30 espécies de pragas em 40 plantas, sendo 12 consideradas como as mais graves (Melo 1987). Trabalho análogo sobre doenças detectou também mais de 30 patógenos diversos, inclusive nos alimentos importados pelo reembolsável e pelo hotel (Ghini & Bettiol 1987). Apesar desses numerosos problemas, não foram verificadas até então doenças graves como o mosaico do mamoeiro, o moko da bananeira, a murcha bacteriana do tomate, o cancro cítrico e o mal do Panamá. Também no caso dos animais domésticos, o Território está indene de numerosas doenças e pragas como a raiva, a febre aftosa, a berne, vários carrapatos, sobretudo o "micuim", etc. A introdução de animais no Território deveria ser restrita a casos muito especiais e objeto de controles sanitários rigorosos. É bom lembrar que mesmo um animal vacinado pode ser portador de doenças.

A proibição da entrada de mudas, tubérculos, sementes, ramas, estacas e de qualquer vegetal é a única garantia de isolar o arquipélago de inúmeras pragas e doenças, com benefícios incalculáveis à agricultura e à população. Somente o Departamento de Agropecuária deveria estar autorizado a importar material vegetal com a devida garantia de sanidade. O esquema montado com apoio da EMBRAPA nos últimos dois anos para fornecer as mudas e sementes necessárias aos plantios dos agricultores, tem levado a uma redução na importação clandestina. As plantas que entram no Território sem atestado fitossanitário e autorização do Departamento de Agropecuária, deveriam ser incineradas. O aumento da produção agrícola local poderá viabilizar a médio prazo, uma redução da importação de alimentos não industrializados, outra fonte de risco de contaminação.

Apesar da situação privilegiada e preocupante em que se encontra no tocante a pragas e doenças, o Território de Fernando de Noronha ainda é cogitado para importação de numerosas espécies. Com o objetivo de "melhorar" as raças locais, aumentar a produção, reflorestar, etc. numerosos técnicos, administradores e inclusive cientistas propõem inadvertidamente a introdução de plantas e animais, muitas vezes sem nenhum critério. Os responsáveis pela execução eventual de algumas dessas propostas deveriam ser objeto de uma ação judicial. O patrimônio natural e cultural de Fernando de Noronha já serviu demasiadamente para experiências e idéias de todo o tipo. Sem morcegos, corujas, pardais ou beija-flores, os povoamentos faunísticos de Fernando de Noronha já foram suficientemente alterados por aprendizes de feiticeiro. No caso da vegetação, a situação é ainda pior.

Essa é a razão principal pela qual o Instituto Científico e Cultural do Arquipélago busca reduzir ao máximo a importação de espécies exóticas no Arquipélago, ao tempo em que tenta promover a redução e a eliminação de determinadas espécies introduzidas, responsáveis por crescentes desequilíbrios ecológicos. Nesse sentido o ICCA está consciente que o caminho para a preservação do patrimônio natural do Arquipélago passa também pela existência de uma agricultura local, ecologicamente adaptada, capaz de garantir o máximo de autonomia na produção e no consumo de produtos agrícolas não industrializados. Esse fato ilustra melhor do que qualquer outro a necessidade imperiosa de se conciliar produção e proteção nos ecossistemas no Território, pois hoje uma dimensão depende da outra para existir.